

AS ADVERSATIVAS NA FALA DO NATALENSE E IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO

Maria José de OLIVEIRA
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/PPGEL)

RESUMO

O foco deste trabalho são as orações que se conectam por meio de informações contrastivas, ou seja, as construções adversativas. A análise tem como base teórica o funcionalismo lingüístico norte-americano e a proposta é averiguar o comportamento dos conectores adversativos na fala do usuário natalense no processo de interação comunicativa. Para tanto, utilizamos dados da língua oral extraídos do *corpus* Discurso & Gramática - língua falada e escrita da cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998). No estado da arte, foram revisitados trabalhos da área tais como: Silva (2005, 2006); Tavares (2003, 2006, 2007); Neves (2000, 2006); Martelotta (1998), entre outros. Os procedimentos metodológicos foram os seguintes: em primeira etapa da pesquisa localizamos os dados que trazem a marca da adversidade em um recorte dos relatos de opinião e narrativas de experiência pessoal. Em ato posterior, destacamos, agrupamos e quantificamos os dados, conforme suas características funcionais. Os resultados apontaram como conectores adversativos mais recorrentes na fala do natalense os itens **mas, e, aí, agora, só que, no entanto e já**. Após conhecidos os resultados, foram os mesmos comparados com o tratamento apresentado pela gramática tradicional e daí, foram sugeridas as implicações para o ensino.

Palavras chaves: Adversativas. Funcionalismo. Fala. Ensino.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se debruça sobre os conectores que se envolvem com as construções adversativas, ou seja, com as orações que se opõem no fluxo discursivo. As ocorrências abaixo exemplificam tais construções:

(1) aí o menino nasceu ... nasceu aparentemente bom né ... **mas** quando foi pro hospital... morreu no hospital ... (D&G, oral, p. 7).

(2) ... e com pena de morte ... antes de:: qualquer pessoa ... cometer algum crime ... de assassinato ... ele ... pelo menos eles pensariam ... “não ... eu vou pagar por isso com a minha vida” ... e sem pena de morte

não ... eles levam uns anos de cadeia ... têm bons advogados ... (D&G, oral, p.108).

As ocorrências (1) e (2) estão ligadas pelos conectores *mas* e *e*. Todavia, existem outros conectores exercendo o papel da adversidade na fala do natalense, os quais serão tratados adiante.

Inicialmente, convém considerarmos aqui as muitas indagações que surgem com relação ao comportamento dos conectores adversativos. Assim, o objetivo básico deste trabalho é analisar o comportamento dos itens que interligam esses segmentos de contraste, na fala do natalense, com vistas a sugerir implicações para o ensino de gramática.

A análise se assenta no paradigma funcionalista norte-americano, sobretudo em trabalhos de Givón, Hopper, Thompson, entre outros.

Para tanto, analisamos recortes dos gêneros relatos de opinião e narrativas de experiência pessoal em ocorrências da língua oral, as quais constam em ocorrências do *Corpus Discurso & Gramática - língua falada e escrita da cidade do Natal* (FURTADO DA CUNHA, 1998).

O trabalho revisita autores da gramática, Cunha (1986); Bechara (2006); Perini (2006), entre outros; autores que contemplam abordagens referentes ao uso de conectores de oposição como: Barreto (1999); Tavares (2003); Loghin (2003); Silva (2005); Rocha (2006); Neves (2000, 2006) e está dividido em sete seções: 1 introdução; 2 referencial teórico; 3 metodologia; 4 análise dos dados; 5 implicações para o ensino; 6 considerações finais e 7 referências.

2 REFERENCIAL TEÓRICO: FUNCIONALISMO E GRAMÁTICA

Baseando-nos em pressupostos da Linguística Funcional, contexto em que a língua é concebida como estrutura maleável, sujeita às pressões advindas das situações lingüísticas e extralingüísticas que perpassam o discurso, refletimos sobre a funcionalidade das construções adversativas, enquanto produto de uso de uma gramática em situação emergente.

A gramática da perspectiva funcional é considerada “um conjunto de formas, padrões e práticas que surgem para servir às funções que os falantes necessitam desempenhar com mais frequência” (FORD; FOX; THOMPSON, 2003, p.122).

Essa concepção relaciona a estrutura flexível da gramática a um formato advindo das situações vivenciadas pelos seres humanos, através de suas experiências cognitivas, no processo interativo da língua.

A gramática é, dessa forma, sensível às pressões do uso e, por isso, passa por constantes modificações.

Nessa concepção, o estudo é de base semântico-pragmática, de modo que, numa abordagem funcionalista, devemos acionar os esquemas conceituais com base em componentes cognitivos, os quais se fixam na língua pela ação de recorrência dos usuários.

De acordo com Hopper (1998), a gramática de uma língua não consiste de um sistema definido, mas antes de uma coleção aberta e sem fim, de forma que está constantemente se reestruturando e adquirindo outras acepções semânticas e outras estruturas sintáticas durante o uso.

Desse modo, constrói-se, a concepção funcional de gramática como um sistema de regularidades aberto a mudanças provindas da ação e interação dos homens, sujeito às pressões lingüísticas e extralingüísticas do ato comunicativo. Para se fixar na língua, esse sistema dependerá da frequência do uso.

Como os atos de comunicação emergem no tempo, a gramática em situação emergente existe no tempo. Suas formas são matérias usadas antes e novamente em cada ocasião de uso em diferentes contextos e com sentidos diferentes. Essas formas “estão sujeitas aos caprichos da memória, do cansaço ou à ausência do reforço dos interlocutores. As regularidades emergentes são agregações, são sedimentos de frequência” (HOPPER, 1998, p. 161).

De acordo com Givón (2001), o papel da gramática no processamento da informação humana é de representação e comunicação do conhecimento. A comunicação acontece através dos dois subsistemas que envolvem os níveis de representação: *cognitivo e comunicativo*.

Nessa perspectiva, a questão da formatação do significado é concretizada através da combinação de conceitos (*palavras*) em informação proposicional, as quais combinadas e conectadas dão origem ao discurso.

Por isso, é imprescindível, para o conhecimento da língua, a análise dos aspectos cognitivos e socioculturais que se manifestam na interação verbal, envolvendo aquisição, evolução, deslizamentos, variações e mudanças, fatores que, por ação recorrente do uso humano, contribuem para criar as regularidades da língua e atestar a não autonomia da gramática, numa preparação para se instaurar o processo da gramaticalização ou de rotinização de alguns usos.

3 METODOLOGIA

Expomos, nesta seção, os instrumentos de coleta, seleção e análise de dados.

A primeira fase da investigação consistiu na leitura do *corpus* escolhido para servir de fonte de localização dos dados que trazem a marca da adversidade entre seus enunciados (D&G do Natal), para então localizarmos essas ocorrências, destacá-las e agrupá-las, consonante suas características funcionais.

A análise se restringiu a busca das ocorrências de segmentos contrastivos presentes em recortes dos relatos de opinião e narrativas de experiência pessoal. Foram analisados, pois, vinte relatos de opinião e vinte narrativas, totalizando assim uma amostra composta por quarenta entrevistas.

Como a análise busca descobrir a frequência ou fator de recorrência de alguns adversativos, acreditando ser esse um dos fatores importantes para se verificar a instauração de regularidade e em consequência se encaminhar para um processo de gramaticalização, em ação posterior, foi feita a quantificação dos itens adversativos revelados pelos dados, os quais, depois de percentualizados seguem sintetizados.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Perfil (*profile*) funcional da adversidade

Concebida como a junção de segmentos que se opõem no fluxo discursivo, a adversidade é aqui retratada numa análise contemplativa de aspectos semântico-discursivos.

Acreditando que a gramática atua de forma emergente (HOPPER,1998) e que o sistema de regularidades para se fixar na língua dependerá da frequência do uso, em primeiro lugar nos debruçamos sobre o levantamento dos itens mais frequentes no *corpus*. Em um segundo momento, elegemos os itens mais recorrentes.

Durante o percurso de averiguação das ocorrências de conectores adversativos, os dados revelaram os possíveis representantes da categoria em condições semântico-pragmáticas, ou seja, numa análise permeada por critérios que contemplam aspectos relativos ao ato de produção de sentido, envolvendo contexto situacional, tipo de ato de fala, a intenção, valores e crenças dos participantes da ação verbal.

Por isso, a análise vai além do eixo sintagmático. Os segmentos conectados não são baseados nos critérios tradicionais de bipartição austera entre coordenação e subordinação. Outros fatores relacionados ao fluxo do pensamento estão envolvidos no *continuum* que envolve a junção, de modo que se descarta o trabalho baseado em critérios demarcatórios rígidos.

De posse dos dados, constatamos que os mesmos são reveladores de tendências de uso das construções que para a realização da oposição recorrem aos mais variados conectores; muitos deles sequer constam nos manuais ou gramáticas tradicionais. Vejamos algumas ocorrências:

(3) se desvalorizam ... podendo ela chegar ... quando tiver ... pegando ... dá uma tapa na cara ... uma bofetada assim ... “ei ... me respeite seu cabra” ... **aí** não ... num fazem isso não ... (D&G, oral, p.150)

(4) I: a informação é imediata ... **agora** ... uma coisa que me preocupa ... hoje em dia na TV ... é .. os programas infantis principalmente ... eu vejo que as crianças elas ... assistem e copiam esse modelos da TV né...
(D&G, oral, p.70).

(5) parte para o candomblé ... né ... a macumba ... propriamente dita ... não deixa de ser uma forma de atingir Deus ... porque eles também falam em Deus ... **só que** sob outro aspecto ... o candomblé

também é dividido ... né ... eu não sou dessa religião ... não participo ... (D&G, oral, p. 26)

(6) tá todo mundo lá vidrado porque:: porque eles querem sonhar com a vida melhor ... mas eles só sonham ... **no entanto** ... querem receber aquilo ... não vê e pra abrir os olhos é difícil ... é preciso que haja alguém que invista mais na educação ... (D&G, oral, p.36)

(7) E: talvez depois do plebiscito volte ...
I: também isso ... né? tem agora esse assunto do plebiscito ... aí pronto ... **já** é outro assunto pra ... pra ocupar a cabeça do brasileiro ... né? (D&G, oral, p. 111)

Os dados podem ser resumidos nas tabelas 1 e 2, a seguir:

CONECTOR	QUANTIDADE E	%
Mas	269	65,6
E	64	15,6
Aí	38	9,2
Agora	26	6,3
Só que	10	2,5
No entanto	2	0,5
Já	1	0,3
Total	410	100

Tabela 1: Frequência geral dos conectores adversativos na comunidade de fala do natalense
Fonte: D&G do Natal

Em verdade, os itens aqui relacionados figuram nas construções do *corpus* como contrajuntores, porém se observa que apenas o *mas* e o *no entanto* são, talvez, os itens reconhecidos pelos estudiosos do português tradicional como representantes da adversidade. O “*e*” também já encontra abrigo entre os adversativos por alguns gramáticos mais inovadores que, algumas vezes, produzem reflexões sobre sua multifuncionalidade.

É estranho que o item *porém*, geralmente o segundo item das relações apresentadas pelos gramáticos tradicionais, não tenha tido presença em nenhuma das construções opositivas do *corpus* analisado.

Postulamos que os demais itens (*agora, aí, só que, senão, já*), apresentem características comuns ao *mas*, de modo que possam ser notificados como conectores adversativos no processo de categorização e etiquetamento dos fenômenos do mundo.

Em termos quantitativos, os dados totais da amostra somam 410 ocorrências, envolvendo situações que carregam a marca dos conectores adversativos. Do total, 269 trazem o conector *mas*, detentor de 65,6% das ocorrências.

É notório que o *e*, *aí* e *agora* disputam um lugar na estrutura da adversidade no discurso natalense. Entretanto, é valioso considerar que os citados itens já assumem outras funções pragmático-discursivas na língua.

O *e*, por exemplo, é considerado pela tradição o protótipo das conexões aditivas; o *agora*, representante das construções temporais, e o *aí*, um circunstanciador espacial.

A expressão perifrástica *só que* obteve o percentual de 2,5% da preferência do usuário natalense. Apesar de não constar nos manuais da tradição, a expressão já se regulariza como adversativa e é reconhecida pelos estudos funcionalistas, como assim constatou Loghin (2003). Segundo a autora, existe uma tendência da expressão perifrástica compartilhar o sentido pragmático de quebra de expectativa, sobretudo, particularizado por condições contextuais.

Outro fenômeno curioso e digno de observação é o fato do item *no entanto* ocorrer apenas em duas construções. Como sabemos, é comum entre os gramáticos incluir o item em menção entre os segmentos adversativos, muito embora, alguns estudos funcionalistas, como o de Neves (2006), considere fluida essa classificação, justificando que o item não passa nos testes que poderiam lhe conferir esse estatuto. Entre os testes, segundo a mesma autora (p.263), inclui-se a possibilidade do elemento co-ocorrer com um coordenador como *e* ou *mas*, ou ocorrer separado por vírgula. Contudo, não percebemos nenhum problema em considerá-lo adversativo, uma vez que exerce a função opositiva em muitos contextos, independente de posição no discurso.

Em razão da presente investigação se debruçar sobre a modalidade de língua oral, registramos também ocorrências adversativas mediante o elo *mais* = *mas*. Entendendo, que essa é uma variação do *mas*, tais ocorrências foram incluídas na contagem do conector *mas*.

4.2 Perfil (*profile*) do uso se contrapondo à tradição

Como a pesquisa pretende investigar quais os itens que se manifestam no contexto natalense como adversativos e se esses são reconhecidos pela gramática tradicional como tais categorias, é relevante também registrarmos quais os conectores identificados nos dados do D&G do Natal que apresentam comportamento de adversativos, porém não são assim reconhecidos pela tradição.

CONECTORE	QUANTIDAD	%
S	E	
Aí	38	50,6
Agora	26	34,6
Só que	10	13,4

Já	1	1,4
Total	75	100

Tabela 2: Conectores adversativos não reconhecidos pela GT

Fonte: D&G do Natal

Conforme os dados, das quatrocentas e dez ocorrências de construções adversativas, setenta e cinco (18,2%) revelam segmentos conectados por itens adversativos, os quais a gramática tradicional não reconhece.

Os quatro itens mais frequentes nos dados que figuram como representantes da adversidade, pela ordem de preferência, são o *mas*, *e*, *ái* e *agora*.

5 IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO

Ao abordarmos o tema desta reflexão, a nossa proposta é indicarmos algumas sugestões advindas da teoria metodológica a ela aplicada, para o processo ensino-aprendizagem de língua materna.

Acreditamos que o primeiro passo a ser adotado será orientarmos o processo de aprendizagem de um item ou construção a partir de textos, nos seus diversos gêneros e modalidades. Por um lado, devemos sugerir ao aluno, atividades de escuta de textos orais e leitura de textos escritos, objetivando a ampliação progressiva de conhecimentos discursivos, semânticos e gramaticais que se envolvem na produção do sentido; por outro lado, promovemos a construção e reconstrução de textos variados, adequando-os às múltiplas situações contextuais requeridas pela ordem social.

Conforme Furtado da Cunha e Tavares (2007), um dos grandes atrativos da teoria funcionalista para o ensino, é a ênfase que se deve dar ao discurso e às funções da língua em uso.

Dessa forma, para que esses aspectos produzam efeitos na prática pedagógica, acreditamos que estratégias devem ser moldadas com base na visão dos PCNs (2001, p.49), os quais definem como objetivo de ensino das línguas desenvolver no aluno os domínios da expressão oral e escrita em situações funcionais.

No caso das construções adversativas, devemos promover a reflexão sobre a origem dos conectores que se envolvem nos enunciados de adversidade, bem como explorarmos a multifuncionalidade desses itens em sincronias diversas. Posteriormente, mapearmos cada função ou subfunção assumidas, em contextos orais e escritos, mediando atividades de percepção do uso dos referidos conectores em situações que o identifiquem com outras funções. É interessante que o aluno perceba como as formas funcionam quando postas em uso.

Nesse contexto, o papel do professor parece ser o de mediador de situações-problemas, trabalhos de pesquisa, através dos quais o aluno possa fazer deduções, hipotetizar, interpretar recursos cognitivos e projeções conceituais evocadas pelas situações enunciativas, e, sobretudo, conscientizar-se das relações entre forma – função /forma – forma/função, uma vez considerado que a gramática está em constante reconstrução - *gramática emergente* (HOPPER, 1998).

Convicto desse entrelaçamento entre forma e função e vice-versa, o aluno deve se conscientizar que o estudo das unidades adversativas em foco não pode se reduzir ao trabalho estanque de categorizar classes morfológicas desvinculadas da intenção comunicativa. Torna-se relevante introduzir a teoria dos protótipos como forma de categorizar as construções, a partir da relação de aproximação ou distância do protótipo-base, uma vez considerado que a recorrência do uso pode produzir regularidades e apontar as tendências das mencionadas construções para assumir algumas categorizações, ao invés de imprimir rótulos preexistentes, fragmentados.

Acreditamos que para se formar um usuário competente da língua, devemos sugerir atividades de leitura e releitura, facção e refacção dos próprios textos, dos textos dos colegas, exercícios que visem à descoberta de semelhanças e diferenças no emprego das formas em análise.

Outra alternativa viável para uma aprendizagem mais eficaz do fenômeno em estudo pode ser a proposição de exercícios que envolvam a substituição de um item por outro de sentido semelhante, no mesmo contexto, como forma de explorar a riqueza de meios que conduzem à produção de sentido.

Outro trabalho possível, nesse âmbito, é o uso dos itens em diferentes funções, inclusive em exercícios de conexão de partes maiores do texto (orações, parágrafos) e remontagem de histórias. Ainda, nessa perspectiva, cogitamos sobre a proposta de entrevistas com os próprios colegas para organizar *corpora* que possibilitem ao aluno um trabalho de interface entre as tendências de uso da forma nas modalidades de língua oral x escrita.

Todas essas atividades são sugestões que se pressupõem relevantes para uma compreensão mais sistemática da dinâmica da língua que falamos. Poderá ser adaptável para o estudo de outros itens gramaticais, ou mesmo para o estudo de outras categorias de conectores.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisados os dados, observamos que algumas tendências delineiam um perfil (*profile*) da adversidade na fala do usuário natalense.

O “mas”, por exemplo, é o conector mais recorrente, com ampla vantagem em relação aos seus concorrentes.

O “e”, “af”, “agora” e “só que”, apesar de exercerem outras funções gramaticais na língua, e não serem citados pela maioria das gramáticas tradicionais como possíveis itens que disputam vagas na adversidade, são notificados nos dados como conectores adversativos, com uma frequência bem menor que o “mas”, contudo com uma frequência maior que o item “no entanto”.

É importante mencionar alguns fatos curiosos em relação à frequência desses conectores nos dados em análise. A ausência do “porém” e a pouca frequência de “no entanto” é um fator considerado estranho, visto que são conectores de presença constante no rol dos adversativos apresentado pelas gramáticas tradicionais.

Diante disso, as implicações da teoria funcionalista para o ensino, especificamente dos conectores em estudo, são no sentido de que não podemos mais

trabalhar as categorias lingüísticas apenas com base apenas em critérios morfológicos ou sintáticos e nem baseados em uma única modalidade de língua.

As pesquisas lingüísticas revelam que as formas da língua devem ser trabalhadas também com base em critérios semântico-pragmáticos, levando em consideração textos de gêneros e modalidades diversas. Assim, necessariamente, devemos envolver o aluno num trabalho de observação, descrição, categorização, manipulação e exploração, a fim de construirmos explicações para os fenômenos lingüísticos característicos das práticas discursivas, na dimensão já explicitada, com o fim de gerar conclusões e descobertas. Dessa forma, podemos inferir o que é regular e generalizante na língua e em consequência, tornamos mais eficaz o processo de ensino-aprendizagem nas salas de aulas.

6 REFERÊNCIAS

BARRETO, T. M. M. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Salvador: 1999.

CUNHA, C. *Gramática da Língua Portuguesa*. 11 ed. Rio de Janeiro: Fename, 1986.

FORD, C. E.; FOX, B; THOMPSON, S. A. Social interaction and grammar. In: TOMASELLO, M. (Ed). *The new psychological of language*. v. 2, Lawrence Erlbaum: New Jersey, 2003, p.119-143.

FURTADO DA CUNHA, M. A; TAVARES, M. A. Lingüística Funcional e Ensino de gramática. In: _____. (orgs.) *Funcionalismo e ensino de gramática*. Natal: EDUFRN, 2007.

_____. (org.). *Corpus Discurso&Gramática - a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.

_____. OLIVEIRA, M. R.; VOTRE, S. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. In: *D.E.L.T.A.* São Paulo: Feb/july, 1999, vol 15 n 1.

GIVÓN, T. The functional approach to language. In: TOMASELLO, M. (Ed). *The new psychology of language*. Lawrence Erlbaum: New Jersey, 1998. p .41 -66.

_____. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

_____. *Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001, V. 1.

_____. *Functionalism and Grammar*. John Benjamins: Amsterdam, Philadelphia: 1995.

HOPPER, P.J. Emergent grammar. In: TOMASELLO, M. (ed). *The new psychology of language*. Lawrence Erlbaum: New Jersey, 1998. p.155 – 175

LOGHIN, S. R.L. *A gramaticalização da perífrase conjuncional 'só que'*. (Tese de doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2002.

NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. 4^a Ed. São Paulo: Ática, 2006.

SILVA, C. R. *Mas tem um porém...: mapeamento funcionalista da oposição e seus conectores em editoriais jornalísticos*. (Tese de doutorado). João Pessoa, 2005.

_____. O conector mas na fala e na escrita: uma abordagem funcionalista com implicações para o ensino da gramática. In: SILVA, C. R.; HORA, D.; CHRISTIANO, M. E. A. (Orgs). *Linguística e Práticas Pedagógicas*. Santa Maria: Palotti, 2006.

ROCHA, A. P. A. *Gramaticalização de conjunções adversativas em português: em busca da motivação conceptual do processo*. (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC). Rio de Janeiro, 2006.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de E, Aí, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações - um estudo sociofuncionalista*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

.